

Educação A escola dos pais

Até a década de 50, os alunos das escolas públicas gaúchas apresentavam melhor desempenho nos diversos exames de admissão às escolas superiores que os alunos das particulares. Hoje em dia, em qualquer lugar do país, isto é praticamente impossível. Apenas os alunos dos colégios militares, de outros tradicionalmente mantidos pelas elites e alguns cursinhos, estes com a finalidade precípua, conseguem ingressar na Universidade.

Se após 1964 houve um aumento no número de escolas públicas, ele foi acompanhado de uma queda na qualidade do ensino. Por exemplo, o projeto de ensino profissionalizante serviu apenas para promover o Governo e o inteligente Ministro da Educação da época. Alguns colégios públicos lutaram com a falta de recursos materiais e humanos, porém, nestes, várias tentativas honestas foram feitas. A escola particular percebeu rapidamente a inviabilidade econômica daquele tipo de ensino. Só o segmento rico da nossa sociedade (hoje talvez nem a classe média alta), poderia pagar as altas mensalidades necessárias para compensar os investimentos em laboratórios, oficina e pessoal; no entanto, aos filhos deste segmento, a profissionalização a nível médio não interessa, eles procuram os cursos que lhes permitam mais facilmente se tornarem executivos.

Estes foram os principais motivos de abandono daquele projeto de ensino profissionalizante em nosso país. É importante observar que este processo deu-se ainda quando o regime militar era absoluto e o maior partido do ocidente dominava a cena política.

Ninguém duvidava dos méritos do ensino profissionalizante. A questão não era técnica, mas política, de jogo de interesses. Só para comparar: em 1927, existiam 153 mil escolas técnico-profissionais na URSS; em 1941, 602 mil. Quase quadruplicou em 14 anos, durante uma época de vertiginoso desenvolvimento daquele país, pois havia o interesse por estas escolas de praticamente toda a população soviética.

Esta lição deve ser aprendida por todos os que procuram mudar as nossas condições de ensino do 1º e 2º graus. Enquanto segmentos importantes da nossa população não tiverem força para impor não só o planejamento, como a execução dos projetos governamentais, estes serão deixados a margem e serão dadas prioridades a outros, que tragam lucros imediatos aos segmentos das classes dominantes que detêm o poder do Estado. Mais uma vez vemos que "as idéias nada podem realizar. Para realizar as idéias são necessários homens que ponham a funcionar uma força prática". Na escola, esta força são os alunos e,

principalmente, seus pais.

Na divisão do trabalho internacional que as nações capitalistas desenvolvidas procuram nos impingir, a parte que nos caberia da produção não necessita de um número proporcionalmente grande de técnicos capacitados. Assim, as multinacionais que dominam a nossa indústria não têm grande interesse na formação de técnicos. Por exemplo, dado o caráter essencialmente montador da indústria de origem estrangeira que abischoita cerca de 70% do nosso mercado de informática, ela emprega muito menos pessoal técnico que a indústria de origem nacional, que fica com os 30% restantes. Isto, apesar da parcela de empresários nacionais, maus brasileiros, que ao invés de apostar no investimento em tecnologia, prefere contrabandar, burlando dessa maneira a nossa lei de reserva de mercado conseguida após uma longa luta política.

Uma outra parcela considerável do empresariado nacional também preferiu o tipo de produção simplesmente montadora, encontrando-se fortemente dependente da tecnologia estrangeira. Assim, da mesma maneira que o capital estrangeiro, ela não tem grande interesse no nível do nosso ensino.

Somando esta falta de interesse, aos interesses egoístas dos donos de escolas particulares, entende-se porque um Estado de capitalismo dependente, não consegue proporcionar um nível de educação digno para sua população.

Todas as questões sociais apresentam-se como ciclos viciosos. Temos um péssimo ensino; assim a nossa população é mantida culturalmente atrasada e, conseqüentemente, não percebe a necessidade de reivindicar um ensino melhor. Cabe às pessoas que procuram transformar a nossa realidade, descobrir quais os cordões principais que sendo manipulados permitem desembaraçar os nós. No caso do ensino de 1º e 2º graus, os esforços devem ser feitos com o objetivo de trazer os pais para a escola.

É essencial dar uma sequência de prioridade às tarefas políticas. No XXI Congresso Nacional da Confederação dos Professores do Brasil — CPB, realizado recentemente em Brasília, com cerca de 2500 delegados de todo o país, as questões mais debatidas foram a filiação à CUT, a unicidade da filiação sindical, o ensino religioso, o estatuto da CPB e as eleições em 88. Nenhuma delas está relacionada com vistas a facilitar a mobilização dos pais. Algumas foram prematuramente colocadas e agem no sentido da desunião e, conseqüentemente, diminuindo a capacidade de concretizar-se esta mobilização.

Os pais devem saber que os

currículos das escolas visam essencialmente a Universidade, onde poucos serão os escolhidos e destes, após completarem seus estudos, muitos não conseguirão emprego, mesmo nas especialidades mais carentes, quando comparados com os padrões das nações desenvolvidas. Temos apenas 3% do número de engenheiros que os EUA, mas o desemprego e subemprego alcançam altas taxas entre os nossos jovens formados.

A enganosa eficácia da escola particular deve ser desmistificada. Com o poder aquisitivo de nossa população, a escola não pode ser rentável e eficiente ao mesmo tempo. Os laboratórios das escolas particulares geralmente são caricaturas que só servem para fins propagandísticos. Mesmo com este tipo de ensino verbalista, uma pequenissima percentagem de escolas particulares se sobressai. A maioria é essencialmente fonte de lucro, onde professores com salários aviltados se desdobram em um número absurdo de aulas. A comparação do número de ações na justiça movidas por professores contra as escolas particulares é centena de vezes superior ao das públicas. O Sindicato de Professores do Rio de Janeiro, possui 10 advogados trabalhando em tempo integral, tratando exclusivamente de questões com as escolas particulares. No caso das escolas públicas elas têm sido todas resolvidas a níveis administrativos, antes de chegar na justiça. Isto demonstra que o grau de insatisfação com o trabalho é muito maior na escola particular.

O magistério é uma das atividades cujo desempenho depende essencialmente da vontade do indivíduo. Mas é necessário que os pais saibam identificar quais os professores que, rendendo-se à realidade, tornaram-se seus cúmplices. Com maior grau de culpabilidade vem os diretores e administradores que praticam o democratismo, que preferem a sombra à luta honesta.

Estes são apenas alguns traços rápidos dos nossos problemas. Na prática eles e muitos outros apresentam-se imbricados, mascarados, requerendo que a realidade de cada escola seja analisada e formas adequadas de luta desenvolvidas, mas sempre sem perder de vista o objetivo principal de levar os pais ao conhecimento de todos os problemas.

Só com os pais lutando pelo exercício da cidadania, conseguiremos a força prática capaz de fortalecer a escola pública, a única viável no contexto brasileiro, de propiciar aos jovens um ensino ao nível exigido pela atual revolução técnico-científica. Evandro Emilio Souza Lima, engenheiro eletrônico e doutor em Automática, é professor da Universidade de Brasília.